

ESTÁGIO CURRICULAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: NARRANDO UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA

Helem Vitória Freitas Almeida¹
Adriano Sales dos Santos Silva²

RESUMO

O estágio curricular de docência na Educação Infantil é o objeto e contexto das reflexões deste trabalho no sentido de possibilitar ao graduando adentrar no campo da sala de aula e interagir no ambiente da primeira etapa da educação básica. Nela se aprofunda a constituição do ser criança, como seres capazes de aprender, brincar, descobrir, inventar, dentre outras aprendizagens. Desta maneira, o artigo tem como objetivo narrar experiências vivenciadas durante o período de estágio de docência na Educação Infantil realizado no sétimo semestre do curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Pará/Campus Castanhal. Este componente curricular nos possibilita vivenciar a relação entre teoria e prática no processo de formação acadêmica, bem como registrar vivências pedagógicas em uma escola pública de Educação Infantil, localizada na cidade de Castanhal-PA. Como referencial teórico dialogamos com Miranda (1992), Cunha (1997), Oliveira (2022), Zabalza (2014) e com alguns marcos da legislação educacional vigente. Metodologicamente, a abordagem narrativa norteou o trabalho desde a constituição dos referenciais teóricos, assim como os procedimentos durante a pesquisa de campo centrada nas interações com as crianças e as práticas docentes em sala de aula. Os resultados obtidos nos possibilitam compreender que a prática docente exige muita responsabilidade do profissional pedagogo que atua em sala de aula pela influência decisiva que exercem sobre os alunos em que tais interações pedagógicas que permeiam a prática docente e a identidade do professor pedagogo se consolida. As crianças são narradores natos e começam com pequenas histórias de coisas que vivenciam no seu dia a dia, é imprescindível reconhecer e aprender a ouvir com mais destreza. Portanto, o estágio curricular na graduação, proporciona aos futuros docentes reflexões que certamente contribuem de modo fundamental com o processo de autoconhecimento, significados formativos para qualidade ética ao processo de profissionalização.

Palavras-chave: Estágio curricular, Educação Infantil, Formação Docente.

INTRODUÇÃO

O estágio curricular de docência é componente obrigatório de acordo com a LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9394/96 nos cursos de licenciatura de professor, por ser uma atividade de fundamental importância no processo de formação dos futuros docentes. É um espaço que possibilita aos graduandos vivenciar o que foi aprendido durante o período de estudo no curso, tendo como função incluir as inúmeras disciplinas que compõem o currículo acadêmico, contribuindo assim para uma relação mútua entre os componentes curriculares e a prática.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará- UFPA, helemv2004@email.com;

² Professor orientador: Mestre, Faculdade de Pedagogia - UFPA, adrianoufpa@gmail.com.

Dentre os vários componentes curriculares dos cursos de formação inicial de professores, o estágio curricular destaca-se como um dos elementos fundamentais do processo de formação docente, pois é o espaço onde professores formadores e estudantes podem refletir, numa dimensão distinta e privilegiada, sobre problemas e práticas que envolvem nossa atuação, uma vez que o estágio curricular é entendido como “[...] uma situação de aprendizagem com características diferentes das demais situações acadêmicas, mas com os mesmos propósitos formativos” (ZABALZA, 2014, p. 179).

A Educação Infantil é compreendida como a primeira etapa da educação básica, e tem um significado de real importância quando atrelada ao estágio curricular na Educação Infantil possibilitando ao graduando adentrar no campo da sala de aula e viver experiências que contribuem para sua formação docente; é na educação infantil que se inicia a construção do ser criança é onde as crianças têm a oportunidade de aprender, brincar, descobrir, inventar, dentre outras aprendizagens que essa fase possibilita.

Vivenciar este estágio me trouxe muitas expectativas; primeiramente, por já ter realizado estágio remunerado na Educação Infantil, pensei em voltar na escola e pedir a diretora que assinasse os documentos necessários do estágio. Porém, a realidade do primeiro estágio foi de uma escola particular e senti a necessidade de ir para uma creche municipal pública. Assim, direcionamos o estágio (a pesquisa) a uma creche no bairro em que resido para que ficasse viável minha locomoção. Minhas expectativas eram enormes, conhecer a realidade da população que usufruí da creche, conhecer diferentes crianças, outras práticas pedagógicas que valorizassem a criança e seus saberes. Anseio por me constituir uma profissional consciente da realidade em que desejo atuar.

O principal critério para selecionar a escola, era que fosse municipal, pública e localizada no bairro em que resido atualmente para facilitar a locomoção até o local. Assim, escolhi a Creche Municipal Maria Ruth Das Chagas Cravo, localizada no Bairro Jaderlândia na cidade de Castanhal-PA.

As motivações para a realização do estágio supervisionado perpassam pela possibilidade de voltar a sala de aula, de estar com as crianças, de aprender a relacionar cada vez mais teoria e prática, haja vista, que o curso de pedagogia nos dá relevantes arcabouço teórico, mas não nos prepara, suficientemente, para a vivência da sala de aula; ensina como desenvolver atividade, mas não como adaptá-las de acordo a realidade da turma; são inúmeras as questões que são necessárias a prática docente, mas que a graduação não consegue propiciar a devida experiência.

Este trabalho tem por objetivo narrar experiências vivenciadas durante o período de estágio de docência na Educação Infantil realizado no sétimo semestre do curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Pará/Campus Castanhal. Este componente curricular nos possibilita vivenciar a relação entre teoria e prática no processo de formação acadêmica, bem como registrar vivências pedagógicas em uma escola pública de Educação Infantil, localizada na cidade de Castanhal.

E para tal, por provocação de professor, fui desafiada a conhecer, compreender os principais conceitos e experienciar a abordagem da pesquisa narrativa, a qual não conhecia antes de iniciar a disciplina de Estágio de Docência na Educação Infantil. Tal processo de aproximação a pesquisa educacional com pesquisa narrativa dialogamos teoricamente com: Miranda (1992), Cunha (1997), Oliveira (2022), Zabalza (2014) e com os marcos da legislação educacional vigente.

DIMENSÕES METODOLÓGICAS

Assumindo a abordagem da pesquisa narrativa, tendo como foco as experiências vivenciadas no Estágio Curricular de Docência na Educação Infantil, desde a constituição dos referenciais teóricos, assim como os procedimentos durante a pesquisa de campo centrada nas interações com as crianças, e com as práticas docentes em sala de aula. O lócus de pesquisa e realização do Estágio Curricular de Docência na Educação Infantil foi a Creche Municipal Maria Ruth das Chagas Cravo, que fica localizada na Rua Francisco Pereira Lago, Conjunto Rouxinol no bairro do Jaderlândia, em Castanhal-PA. O bairro em que se encontra a Creche é mais populoso da cidade.

A constituição dos dados da pesquisa foi centrada nas interações no ambiente da sala de aula e no registro no diário de campo. Nesta perspectiva compreendemos o trabalho com a abordagem narrativa de acordo com Cunha (1997):

“Trabalhar com narrativas na pesquisa e/ou no ensino é partir para a desconstrução/construção das próprias experiências tanto do professor/pesquisador com o dos sujeitos da pesquisa e/ou do ensino. Exige que a relação dialógica se instale criando uma cumplicidade de dupla descoberta. A o mesmo tempo que se descobre no outro, os fenômenos revelam-se em nós”.

Assim, o pesquisador se forma ao entrar em contato com a realidade e descrevê-la a partir de sua visão, de suas emoções, das ações significativas para aquele que observa; com o que o ambiente de pesquisa e os sujeitos nele presente irão despertar no pesquisador; como reforça Nóvoa (1992) “é impossível separar o eu profissional do eu

peçoal”. O que não foi diferente para esta pesquisadora ainda em formação, foi um desafio viver este período de estágio buscando desenvolvê-lo dentro da abordagem narrativa, ouvir as histórias das pessoas e ter a responsabilidade de recontá-las a partir da minha visão, perspectiva e experiência foi também uma descoberta de mim.

De acordo com Sousa e Cabral (2015) “a narrativa torna-se, portanto, relevante para o contexto de formação em que se concebe o professor como narrador-personagem-escritor de histórias que se constituem a partir de diversas situações de formação”. Assim, além do papel de narra as histórias que vivencia, o professor narrador é também personagem dessas histórias pois está presente agindo e influenciando o ambiente.

RESULTADOS E DISCUSSÕES: EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NO ESTÁGIO

O estágio descrito nesta pesquisa ocorreu na Educação Infantil ao longo do mês de maio de 2024. Os dois primeiros dias foram para observação do espaço, da turma e sua relação com a professora e com os demais sujeitos presentes no espaço escolar. A turma escolhida para a realização estágio foi o infantil IV, sendo composta por 25 alunos entre eles dois alunos com TEA (Transtorno do Espectro Autista), os alunos com TEA possui mediadora individual, totalizando três professoras em sala de aula.

O primeiro contato com a turma foi repleto de ansiedade e nervosismo, conforme relato abaixo:

Ao se aproximar do horário de ir para a escola, comecei a sentir um nervosismo e ansiedade. Às 13:30h cheguei á escola e fui a sala da direção, em seguida a diretora me direcionou a sala onde iria realizar o período de estágio obrigatório. As professoras e os alunos me receberam bem, principalmente umas mediadoras, que foi de uma gentileza enorme e informou sobre o funcionamento da sala de aula.

Antes de iniciar a aula, a professora pediu aos alunos que pegassem seu caderno na mochila e nesse exato momento, peguei também meu caderno de anotações.

Ao pegar meu caderno de anotações, fui indagada por uma aluna sobre o tamanho do meu caderno.

- Por que o seu caderno é tão pequeno? (Aluna)
- Olha aqui o meu é grande e eu sou pequena. (Aluna)

Esse pequeno diálogo foi a minha primeira conversa com uma aluna da sala; no decorrer da aula os alunos olhavam em minha direção com estranhamento, o que é normal já que havia alguém que não conheciam invadindo seu espaço.

No mês seguinte em junho é realizado na escola a festa junina e os ensaios transcorriam regularmente; participei do ensaio junto com as professoras e recebi o convite para ir prestigiar os alunos em sua apresentação. Me senti feliz com o convite e desejava estar presente nesse momento para rever as crianças; o que infelizmente não foi possível.

Sabemos que um dos objetivos do Estágio de Docência é a possibilidade que o estagiário tem de colocar em prática todo o conhecimento adquirido durante o curso para planejar e dar uma aula. Conforme consta na Resolução CNE/CP nº.1, de 01/05/2006 determina, em seu artigo 8, que:

IV – Estágio curricular a ser realizado, ao longo do curso, de modo a assegurar aos graduandos experiência de Exercício profissional, em ambientes escolares e não-escolares que ampliem e fortaleçam atitudes éticas, conhecimentos e competências:

a) na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, prioritariamente; [...] (BRASIL, 2006, p. 5).

Embora seja previsto em lei, ao chegarmos na escola raramente encontramos profissionais aptos a compartilharem sua sala de aula como meio de aprendizagem para nós, profissionais em formação.

Cada criança/aluno é reflexo da sua realidade; ao olharmos para cada um é possível analisar e perceber as dificuldades enfrentadas por cada aluno. Em um de vários diálogos tidos com a professora titular da sala de aula na qual se realizou meu período de estágio, em conversa a mesma relatou que alguns alunos usavam roupas muito apertadas para ir à escola e que ao conversar com os pais e explicando que os uniformes eram obrigatórios, os mesmos disseram não ter condições econômicas para adquirir o uniforme. A professora contou-me:

Eu via as crianças cada dia indo para a escola com roupas menores e apertadas, algumas até reclamavam dizendo que machucava. Então comprei uns 6 uniformes e dei as crianças, assim pelo menos alguns dias elas podem vir mais confortáveis. (Professora).

Um fato que não pensei que iria presenciar ocorreu no quarto dia de estágio, um aluno chegou perto de uma das mediadoras e falou ao seu ouvido:

- Professora? (Aluno)
- Oi, meu amor. (Mediadora)
- Eu estou com fome e fome de comida. (Aluno)
- Você não almoçou em casa? (Mediadora)
- Não. (Aluno)

– Calma e senta aí, que daqui a pouco é a hora do lanche. (Mediadora)
(Registro, dia 22/05/2024)

O aluno se sentou e de imediato começou a chorar e repetindo que estava com fome; pouco tempo depois a professora titular volta para a sala e se depara com a criança chorando que corre para seu lado e repete as mesmas coisas que falou para a mediadora. No entanto, a professora titular disse que era conversa dele e que fala essas coisas desde o ano passado.

Nesse momento, fiquei perplexa com a fala feita pela professora, não é normal e nem deve ser uma criança, um aluno seu chorar por estar sentindo fome e não ter sua situação levada a sério; já que a alimentação e desempenho escolar estão diretamente interligados. Uma criança com fome não é capaz de usar toda a sua potencialidade, quiçá parte dela. Se para um adulto já é uma situação insustentável, para um indivíduo em plena formação física e intelectual, é pior ainda. Segundo Oliveira (2022):

Quando uma criança se encontra em uma situação de vulnerabilidade social como trabalho infantil, negligência familiar, violência física ou psicológica, a possibilidade da sua permanência é muito pequena. O resultado é quase sempre a evasão escolar e quando a evasão não é definitiva, mas os alunos deixam de frequentar muitas aulas, a sua aprendizagem é significativamente afetada porque os conteúdos previstos no currículo para cada ano letivo possuem uma sequência lógica, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental, que os professores e as escolas entendem não poderem mudar. Por outro lado, muitos desses educandos-criança ao permanecerem na escola, muitas vezes apresentam problema de indisciplina na sala de aula; dificuldade de aprendizagem; falta de interação; dificuldade na fala; necessidade de acompanhamento por parte de equipe multidisciplinar, envolvendo também o conselho tutelar e, a escola, pouco faz para amenizar esses problemas e inseri-las pedagógica e afetivamente em seu espaço. (Oliveira, 2022. pg. 39.)

É preciso reeducar nossa maneira de olhar para a criança e sua realidade e buscar compreender como a criança apreende a realidade em que vive. Desse modo, é função da escola possibilitar aos educandos a aprendizagem, com respeito e solidariedade.

A experiência por mim vivenciada não ocorreu como esperava, não me foi concedida a abertura para a prática docente durante o período de estágio curricular, fui bem recebida pela direção da escola que escolhi para a realização do estágio, ao chegar em sala de aula a professora foi simpática, mais minha presença parecia lhe incomodar. Todas as conversas que tive com a professora foram de minha iniciativa, a professora apenas respondia minhas perguntas, sem demonstrar muito interesse. Ao pedir autorização para aplicar uma aula ou uma atividade para a turma não obtive êxito.

Sinto em dizer, que a prática docente que busquei vivenciar no período de estágio se resumiu a observação. Nessa perspectiva, Miranda (2008) destaca que os estágios são quase sempre reduzidos a uma prática instrumental, limitando o papel do estagiário a um mero observador, a prática é responsável por cristalizar o que há de mais importante nos estágios atualmente; a dicotomia entre teoria e prática ajuda a compreender este importante momento da formação inicial como algo que é desarticulado e alocado nas últimas etapas do curso, unicamente para cumprimento de exigências legais.

No entanto, a professora me permitiu participar da aplicação das atividades de sala, algumas vezes pediu meu auxílio para lhe ajudar com os alunos, foi um momento em que me senti acolhida pela professora e pelos alunos.

No quarto e quinto dia do estágio, a aula foi em alusão ao “Maio Laranja Contra o Abuso Sexual infantil”; a professora utilizou um semáforo do toque para explicar aos alunos onde um adulto pode ou não pegar em seu corpo. Os alunos estavam bastante atentos a tudo era dito pela professora, depois da explicação os alunos foram realizar a atividade a qual pude auxiliá-los novamente. A atividade foi realizada em grupos e ao final restava apenas um aluno que foi deixado sozinho por seu grupo para finalizar a pintura do desenho. Me aproximei dele para saber o motivo de estar ali sozinho.

- Por que você está pintando sozinho? (Perguntei)
- Os meninos estavam com preguiça e a professora chamou para escovar os dentes, mas minha escova não tá aqui e eu nem lanchei. E vou terminar de pintar essa parte branca aqui. (Aluno)
- Por que você não comeu? (Perguntei)
- Eu vou comer chocolate em casa, se você quiser pode vir comigo, a mamãe deixa. (Aluno). (Registro, dia 22/05/2024)

Não esperava por esse convite, mas tal atitude do aluno me ajudou a compreender que apesar dos poucos dias em que me fiz presente em sala de aula os alunos já estavam se habituando a minha presença e desenvolvendo afeição por mim.

Durante os momentos de brincadeiras das crianças sempre fiz questão de me fazer presente, participar e observar como se davam as interações com os colegas de turma. De acordo com a BNCC (2019) “o ato de brincar durante a infância promove a interação da criança com o seu cotidiano, proporcionando aprendizagens e potenciais para o seu desenvolvimento” (Brasil, 2019). Foi perceptível como os alunos eram livres para brincar e decidir suas brincadeiras, interagindo não apenas com seus colegas de turma, mas também com as demais turmas da escola.

O período de estágio me permitiu compreender que seguir uma rotina escolar com os alunos faz totalmente a diferença, pois eles se habituem e se torna mais prático o trabalho. Foi imprescindível essa vivência para o interligar teoria e prática, contribuindo para minha formação docente. Após esse período de estágio foi possível compreender que é nesse contexto que a identidade profissional vai sendo construída com as experiências, nos espaços de formação possibilitando a pesquisa e que leve o estagiário a entender a profissão docente, aliados a ética profissional, competência e compromisso.

CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA MARCANTE

A realização deste estágio foi de suma importância para minha formação nas dimensões profissional e pessoal. Infelizmente como já relatei acima, não vivenciei à docência em si, mais vivenciei e ouvi histórias. Os narradores foram os alunos que a cada pergunta feita contavam um pouco de si e da sua história; narravam acontecimentos com os familiares; descreviam como era a sua casa e, em especial, seu quarto; alguns falaram sobre o abandono por parte de seus pais e demonstravam muitas vezes necessitados de um abraço, de um sorriso, um carinho. Mesmo não tendo realizado o objetivo central que era planejar e aplicar aulas; realizei um que estava em meu inconsciente e que não imaginaria que precisava, fui a cada dia mais e mais humanizada pelo convívio com os alunos, com suas dificuldades e com suas histórias; crianças de personalidades diversas e o que propiciou interações bastante interessantes.

Aprendi a ouvir com mais destreza, a perceber o que muitas vezes está implícito e a convicção de que toda criança precisa de afeto e a escola, em muitos casos, é o único lugar onde essa criança pode recebê-lo. Desse modo, ressalto que nos momentos em que a professora era muito rígida com os alunos, ou até mesmo a forma como os tratava não me agradou. Contudo, compreendi que a rigorosidade é necessária para manter controle da sala de aula e com 25 alunos essa tarefa se torna difícil e, ainda assim, é notório o carinho e respeito que os alunos têm da professora.

Percebo que o estágio é de suma importância para a formação acadêmica do graduando, precisa seguir numa visão onde professores e alunos possam discutir, dialogar e refletir as experiências vivenciadas no ambiente escolar. Entender a formação docente no contexto da formação continuada, onde ocorre diversos saberes, num movimento teórico-prático e que se modificam com as experiências profissionais.

A partir dessas considerações, pude perceber a importância do estágio curricular na graduação, proporcionado para os futuros docentes experiências que serão vividas no ambiente escolar, e que certamente contribuirão para a construção da sua identidade docente. O período cumprido pelo estágio em educação infantil, desde as observações e as participações me proporcionou rever algumas convicções diante do fazer docente; compreendi que a sala de aula é um espaço complexo que exige conquista com postura e respeito, mas sem deixar de ouvir o que a criança tem a dizer, as crianças sempre têm algo para falar e poucas oportunidade de serem ouvidas. A compreensão de tais fatos, me faz acreditar que esta experiência marcou meu processo formativo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular, 2019.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. *Resolução CNE/CP nº.1/2006*. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf. Acesso em: 29, maio de 2024

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. LDB – Lei nº 9394/96, de dezembro de 1996.

CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora!: as narrativas... R.Fac. Educ., São Paulo, v.23, n.1/2, p.185-195, jan./dez. 1997.

MIRANDA, M. I. Ensino e pesquisa: o estágio como espaço de articulação. In: NÓVOA, A. *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p. 93-114.4

NÓVOA, Antônio. Os professores e a história da sua vida. In: *Vida de Professores*. Lisboa: Porto Editora, 1992.

OLIVEIRA, Maria Sônia Souza de. As orientações da Base Nacional Comum Curricular e as implicações no processo ensino/aprendizagem em contexto de vulnerabilidade social. Tese de Doutorado em Educação – Universidade Federal do Amazonas. 2022.

SOUSA, Maria Goreti da Silva; CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. *Revista Horizontes*, 2015.

ZABALZA, M. A. *O estágio e as práticas em contextos profissionais na educação universitária*. São Paulo: Cortez, 2014.